

Comportamento

A busca incessante por sucesso e status pode mascarar transtornos psicológicos, gerando ciclo de dependência química no cérebro

POR EDUARDO FERNANDES

O desejo pelo sucesso é a linha de chegada para muitas pessoas. Isso, em inúmeras áreas, não somente a profissional. Hoje, no entanto, a linha que separa o desejo saudável de crescer da obsessão patológica pela prosperidade está cada vez mais tênue. Em uma sociedade que prioriza a profissão como o principal marcador de identidade, a ambição — antes vista apenas como combustível para a evolução — tem se transformado em fonte de sofrimento, isolamento e adoecimento físico.

Segundo especialistas em saúde mental, o fenômeno não é apenas individual, mas o reflexo de um modelo social que incentiva a autoexploração e a competitividade tóxica. Recentemente, um grande astro do cinema, o ator Timothée Chalamet, estreou o longa *Marty Supreme*. Ele, inclusive, é um dos favoritos ao Oscar de Melhor Ator. No filme, seu personagem carrega o sonho de se tornar um dos melhores mesatenistas do mundo.

E para alcançar esse tão famigerado topo, acaba vivendo situações de extremo risco, deixando a família e os amigos em contextos perigosos. Assim, fica o questionamento: qual é o limite entre o sucesso e o esgotamento mental? Até onde as pessoas podem ir, de maneira saudável, rumo àquilo que preenche seus corações? Para o psicanalista e professor de psicologia na Uniceplac Paulo Henrique Roberto, a centralidade do trabalho no imaginário moderno é o primeiro passo para esse desequilíbrio.

“Não há quem não busque sucesso desenfreadamente. Pense no modo como nos apresentamos pela primeira vez para um novo conhecido — pela profissão, pelo que fazemos”, observa. De acordo com o psicanalista, essa busca incessante deixa marcas profundas na clínica contemporânea. “Temos atendido inúmeras queixas de sentimentos de vazio, solidão, medo, cansaço e exaustão. São sujeitos esvaziados de sentido porque nunca estão satisfeitos”, explica Roberto.

Ainda na visão do psicanalista, há determinados pontos, presentes nesse debate, que não podem ser esquecidos. Essa discussão precisa levar em conta a forma como o capitalismo molda as relações, principalmente, no contexto de trabalho. “Esse sistema forjou distanciamento e criou a concepção do ‘sonho americano’, no qual somos todos capazes de termos tudo que almejamos, embora o outro em nossa narrativa seja o vilão”, explica.

O preço do topo

Desse modo, para conquistar tudo o que se deseja, não importa de quem o indivíduo precise se livrar, dado o contexto de competitividade. “Não se trata meramente de uma questão patológica, não é só isso, trata-se dos modelos relacionais estabelecidos em ambiente de pura hostilidade”, acrescenta. Portanto, fato é que, tanto no filme quanto na vida real, os sacrifícios naturais em busca das próprias aspirações podem, em algum momento, serem postos em cenários doentes e prejudiciais ao corpo e à saúde mental.

O vício na antecipação

A ciência explica que esse comportamento altera o funcionamento cerebral, criando uma espécie de “dependência química” de conquistas. O sistema de recompensa passa a funcionar em um ciclo vicioso de dopamina. “O sujeito apresenta picos dopaminérgicos cada vez mais curtos com rápida habituação. O prazer se desloca para a antecipação, nunca após a conquista. Assim, há excitação plena